



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA – UNIVAR

**DIFICULDADES DE PUÉRPERAS COM O MANEJO DA
AMAMENTAÇÃO NO PUERPÉRIO**

TAPHINYS TOLENTINO ARANTES

Barra do Garças – MT, outubro de 2021.



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA – UNIVAR

**DIFICULDADES DE PUÉRPERAS COM O MANEJO DA
AMAMENTAÇÃO NO PUERPÉRIO**

TAPHINYS TOLENTINO ARANTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de bacharel em enfermagem pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia, sob orientação do Professor Alan Cardec Barbosa.

Barra do Garças – MT, outubro de 2021.

DIFICULDADES DE PUÉRPERAS COM O MANEJO DA AMAMENTAÇÃO NO PUERPÉRIO

Taphinys Tolentino Arantes¹
Alan Cardec Barbosa²

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo, qualitativo do tipo descritivo e explicativo realizada com puérperas do estado de Mato Grosso, realizada através da aplicação de um questionário com perguntas objetivas e discursivas, abordando as dificuldades apresentadas pelas puérperas com o manejo da amamentação. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após terem sido informadas sobre os objetivos, métodos, risco e benefícios da pesquisa. A pesquisa teve o objetivo de observar quais as principais dificuldades que as puérperas sentem em relação ao AM de modo que foram indagadas se conheciam a importância da amamentação. 23 mulheres participaram da pesquisa, as participantes foram identificadas pela inicial PART. A assistência de enfermagem durante esse processo é extremamente importante, tendo em vista que os mesmos servem como precursores e apoiadores da amamentação, fazendo com que essas mães se sintam acolhidas e bem informadas para enfrentar mais uma fase de inúmeras adaptações.

Palavras-Chave: Benefícios, Lactação, Maternidade, Vínculos emocionais.

ABSTRACT

This is a quantitative, qualitative, descriptive and explanatory research carried out with postpartum women from the state of Mato Grosso, carried out through the application of a questionnaire with objective and discursive questions, addressing the difficulties presented by postpartum women with the management of breastfeeding. Participants signed the Informed Consent Term after being informed about the objectives, methods, risks and benefits of the research. The research aimed to observe what are the main difficulties that postpartum women feel in relation to breastfeeding, so that they were asked if they knew the importance of breastfeeding. 23 women participated in the survey, the participants were identified by the initial PART. Nursing care during this process is extremely important, considering that they serve as precursors and supporters of breastfeeding, making these mothers feel welcomed and well-informed to face yet another phase of numerous adaptations.

Keywords: Benefits, Lactation, Maternity, Emotional bonds.

1. INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é uma das principais fontes de nutrição para o recém-nascido, além de ofertar inúmeros benefícios imunológicos, oferece às mulheres e a sociedade grandes impactos positivos. É de extrema importância que a puérpera conheça dos benefícios da amamentação exclusiva e prolongada, pois quanto mais essa puérpera obtém conhecimento sobre a amamentação maior será as chances da duração prolongada do aleitamento materno (SILVA *et al.*, 2014).

¹ Acadêmico do curso de bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário do Vale do Araguaia.

² Professor orientador no Centro Universitário do Vale do Araguaia.

Estudos realizados em diversos países mostram que o aleitamento materno (AM) tem enorme influência sobre a mortalidade infantil e que se as puérperas fossem orientadas de maneira adequada sobre o benefício da amamentação o índice de mortalidade infantil diminuiria drasticamente se as mesmas fossem amamentadas exclusivamente até os seis meses e se esse ato fosse prolongado até os 2 anos de idade ou mais juntamente com uma alimentação inteiramente saudável (LOUREIRO; VENANCIO; RODRIGUES, 2003).

Mesmo com a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre o aleitamento materno exclusivo a taxa de mulheres que fazem o desmame precoce por falta de conhecimento equivale a um número alto e conseqüentemente não atingiram índices convincentes e que muitas vezes então intimamente ligadas à desqualificação dos profissionais de saúde que as assistem (ROCCI; FERNANDES, 2014).

O profissional enfermeiro é indispensável durante todo esse processo, sendo responsável por preparar a bagagem de conhecimento dessas mães e por promover informações no pré-natal e no puerpério imediato, pois esse é o momento propício para a criação do vínculo entre profissional e paciente, isto é, o profissional esclarecer sobre os futuros acontecimentos durante o processo de amamentação (BARBOSA, 2016).

O ato de amamentar gera inúmeras mudanças na vida de uma puérpera, e ela precisa estar ciente sobre as possíveis intercorrências mamárias, tipo do mamilo, amamentação e volta ao trabalho, livre demanda, introdução de bicos artificiais, introdução de chás, sucos ou alimentos, interferência familiar, então é indispensável a participação e o aconselhamento do enfermeiro durante todo o processo dessa prática (DAMIÃO, 2008).

A enfermagem possui forte influência sobre o aconselhamento do aleitamento materno já que a assistência de enfermagem funciona dentro desse cenário como um suporte e acolhimento para essa puérpera. Nesse sentido, a prática da enfermagem no processo gravídico e puerperal é de extrema importância, pois o enfermeiro capacitado proporciona uma conversa bilateral educativo sobre o processo de lactação, onde é exposto e apresentado a essa mulher a importância de amamentar, garantindo a conscientização da mesma e facultando a promoção da saúde (BATISTA; FARIAS; MELO, 2013).

Segundo Fonseca-Machado *et al.*, (2012) mostra que o apoio à amamentação é um assunto de responsabilidade dos profissionais de saúde que devem ressaltar a importância da prática da amamentação a essas mães, nesse caso, o enfermeiro precisa estar apropriadamente qualificado para a promoção e aconselhamento dessa prática, pois se o profissional enfermeiro acolhe as dúvidas e inseguranças da puérpera conseqüentemente as chances dessa mulher amamentar tornam-se gigantescas. É de extrema importância que o enfermeiro saiba aproveitar

os momentos oportunos para direcionar essa mãe diante das circunstâncias prejudiciais no período de lactação do puerpério imediato, pois é um período totalmente novo e cheio de desafios para essa mulher, portanto a mesma precisa se sentir amparada no ato de amamentar.

De acordo com Bueno e Teruya (2004) o aconselhamento sobre a amamentação a essa puérpera gera promoção da saúde e aconselhar auxilia positivamente na capacidade dessa mulher em acreditar que ela consegue amamentar, fortalecendo esse vínculo do profissional e paciente, pois se o profissional enfermeiro mostra-se interessado em auxiliar essa mãe é possível criar um retorno positivo dessa mulher. Além disso, torna-se necessário que o enfermeiro saiba dialogar com essa puérpera, procurando esclarecer com palavras curtas e objetivas, colocando a empatia em prática, aceitar o que essa mãe relatar, elogiá-la sempre que necessário e disponibilizar sugestões para que ela trilhe o caminho da amamentação de forma mais leve.

Segundo Chaves, Lamounier e Cesar (2007) o que determina a indicação do tempo de duração do aleitamento materno está intimamente ligado com o aconselhamento e a participação ativa do enfermeiro em todo o processo de lactação com essa puérpera, pois com uma assistência de boa qualidade e escuta qualificada no puerpério imediato os índices de mulheres que seguem em aleitamento materno exclusivo e prolongado aumentarão significativamente.

A prática do aleitamento materno oferece gratuitamente inúmeros benefícios, tanto psicológico quanto físico e emocional para o recém-nascido, o leite materno é o alimento mais rico e completo de nutrientes essenciais para do desenvolvimento do bebê, é um dos meios que fortalece o vínculo mãe e filho, permite que o recém-nascido se sinta seguro, amparado, protegido e nutrido, além disso aumentam os benefícios imunológicos para o mesmo, e para as mães, a amamentação torna-se prazerosa em saber que seu corpo é uma fonte de alimento completa para seu filho mesmo quando elas passam por dificuldades durante a amamentação (MARQUES; COTTA; PRIORE, 2011).

É relevante que essa puérpera saiba que quanto mais o bebê praticar a sucção nutritiva e não nutritiva melhor será sua produção de leite e conseqüentemente auxiliará na involução uterina, fazendo com que seu útero volte ao tamanho normal mais rapidamente e assim auxiliará diminuindo na duração e na intensidade dos lóquios no pós-parto e isso tudo graças a amamentação (PRATES; SCHMALFUSS; LIPINSKI, 2015).

O estudo tem como objetivo de identificar quais as dificuldades das mães ao amamentar, pois auxiliará na compreensão dos motivos que levaram a impossibilidade dessa prática, quais os conhecimentos que essas puérperas têm em relação à amamentação, o que causou o desmame

precoce, se houve alguma intervenção secundária, e quais os fatores que impediram a continuidade da amamentação exclusiva e prolongada e com isso verificar as dificuldades que as puérperas encontram com o manejo da amamentação no puerpério imediato na cidade de Barra do Garças-MT, bem como quantificar os casos de puérperas que possuem conhecimento sobre a importância da amamentação, analisar o conhecimento das mesmas sobre a importância da pega correta e livre demanda, aconselhá-las sobre os benefícios do aleitamento materno exclusivo e prolongado e orientá-las quanto aos malefícios da introdução de bicos artificiais que causam desmame precoce por confusão de bico.

2. METODOLOGIA

Foi realizado uma pesquisa descritiva exploratória de caráter quantitativo e qualitativa entre puérperas no interior de Mato Grosso, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: mulheres em fase puerperal de idade entre 17 a 30 anos.

A pesquisa foi realizada por meio de questionários referentes às informações sobre as dificuldades das puérperas com o manejo da amamentação com perguntas abertas e fechadas. Os sujeitos foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e sua participação.

Aqueles que concordaram, receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) expressando sua aceitação com a pesquisa, preservando-se a identidade dos sujeitos, conforme estabelecido pela Resolução 510/16 (BRASIL, 2016).

Os dados foram sistematizados, agrupados e tabelados utilizando o software Microsoft Word e Microsoft Excel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi realizada na cidade de Barra do Garças-MT, na qual 23 puérperas participaram, dentre as informações estão a idade, escolaridade, quantidade de filhos, informação, prática, duração da amamentação, bem como a introdução de bicos artificiais, confusão de bicos, pega correta e livre demanda, sentimentos e expectativas em relação ao AM.

Quando investigado sobre a idade das entrevistadas observou que a maioria tem entre 20 a 25 anos (52,2%) sendo seguido pelas idades de 25 a 30 anos com (43,5%). Em estudo, Souza, *et al.*, (2012) elenca as principais dificuldades das mulheres no período de amamentação, observou também que a maioria estava nessas faixas etárias.

De acordo com o grau de escolaridade das entrevistadas, observou que a maioria estava cursando o ensino superior (43,5%) e que 26,1% correspondiam as que haviam concluído o

ensino médio e 17,4% apresentavam o ensino médico incompleto, seguido de 8,7% que apresentavam o ensino superior completo e 4,3% haviam concluído o ensino superior e nenhuma com pós-graduação concluída. Em estudo Damiano, (2008) observou que a maioria também apresentava maior índice em relação ao superior completo.

Tabela 1. Idade e escolaridade das entrevistadas.

Idade	N	%
17-20 anos	0	0,0
20-25 anos	12	52,2%
25-30 anos	10	43,5%
Total	22	100%
Escolaridade	N	%
Ensino Médio Completo	6	26,1%
Ensino Médio Incompleto	4	17,4%
Ensino Superior Completo	2	8,7%
Ensino Superior Incompleto	10	43,5%
Superior Completo	1	4,3%
Pós Graduação Incompleta	0	0,0%
Pós Graduação Concluída	0	0,0%
Total	23	100%

Fonte: Autor da pesquisa.

Quando indagadas sobre quem as informaram sobre a amamentação, obteve-se as seguintes respostas:

- [...] *“Amigas e familiares [...]” PART 02*
 [...] *“Médica do pré-natal [...]” PART 03*
 [...] *“Enfermeira que me acompanhou [...]” PART 04*
 [...] *“Eu sozinha [...]” PART 08*
 [...] *“Familiares, médicos, enfermeiras [...]” PART 09*
 [...] *“Reunião de conselho para gestantes[...]” PART 12*
 [...] *“Ninguém, depois com as dificuldades fui buscar informações na internet. [...]” PART 18*

As entrevistadas referiram ter obtido ajuda por meios próprios, algumas delas por amigas, familiares, reuniões para gestantes e até mesmo buscando ajuda pela internet. Foi observado também que a oferta de informações pelos profissionais da enfermagem não foi satisfatória, algumas citaram a participação da enfermagem nesse processo, porém foram poucos os profissionais que as informaram sobre essa prática. Aleixo, *et al.*, (2019), afirma que o apoio concedido dos profissionais da saúde é ineficaz e por isso a taxa de desmame precoce

atinge números grandiosos e que o aleitamento materno não tem alcançado o que é preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Além disso, cita que as mães necessitam de apoio emocional e psicológico para enfrentar a jornada caracterizada árdua por muitas mulheres, pois o início da amamentação requer uma entrega materna enorme e é nesse momento que elas precisam já estar cientes de todas as intercorrências que podem vir a acontecer, tendo em vista a operacionalização da enfermagem após o nascimento do bebê que contribui positivamente para a adesão ao ato de amamentar. Prates, Schmalfuss e Lipinski.(2014) informa que a influência familiar sobre a amamentação é extremamente forte, pois muitas vezes no momento de vulnerabilidade dessa mãe acaba ocorrendo práticas ultrapassadas de opiniões familiares e acaba que em diversas vezes essas famílias precisam estar inseridas em grupos de apoio a amamentação para que muitos tabus sobre o aleitamento seja esquecido de uma vez por todas e que essas mães sejam apoiadas e encorajadas a prosseguirem com a prática da amamentação.

Tabela 2. Informação sobre o aleitamento materno.

Informação Sobre o Aleitamento	N	%
Sim	16	69,6%
Não	6	30,4%
Total	23	100%

Fonte: Autores da Pesquisa.

Quando investigado sobre a informação em relação ao aleitamento materno das participantes, observou que a maioria foi informada sobre o aleitamento materno prevalecendo 69,6% delas e 30,4% que não foram informadas sobre a amamentação. Em estudo, MACHADO *et al.*, (2012), observou também que a maioria das mulheres são informadas sobre a prática do aleitamento materno.

Tabela 3. Prática da amamentação das entrevistadas.

Já amamentou	N	%
Sim	9	39,1%
Não	5	21,7%
Exclusivo Até os 6 Meses	3	13%
Houve Introdução de Chás, Leite Artificial, Sucos ou Sopa Antes dos 6 Meses	6	26,1%
Total	23	100%

Fonte: Autores da Pesquisa.

Quando investigado sobre a prática da amamentação das participantes, observou que a maioria (39,1%) fazem parte dessa prática, seguido de 26,1% das que introduziram leite

artificial, chás, sopa e outras opções, 21,7% não seguiram a prática da amamentação e 13% amamentaram exclusivamente por 6 meses. Em estudo, Bueno, e Teruya (2004), observou também que a maioria seguiram com a prática da amamentação e que parte das mulheres que não amamentaram e/ou também introduziram outros líquidos ao invés do leite materno antes dos 6 meses.

Quando perguntado na opinião das entrevistadas qual a duração adequada para amamentar, obteve-se as seguintes falas:

[...] “2 anos[...]” PART 01

[...] “Até quando o bebê quiser [...]” PART 02

[...] “1 ano [...]” PART 03

[...] “De acordo com a necessidade e interesse do bebê [...]” PART

06

[...] “1 ano e meio [...]” PART 09

[...] “6 meses [...]” PART 21

Algumas das participantes referiram que a duração correta para amamentar é até o sexto mês, outras de um ano e meio a dois anos de idade, e as demais relataram que a duração corresponde com as necessidades e o interesse dos bebês, o que não é incorreto, porém observou-se que a maioria respondeu conforme elas acreditam que a amamentação deve durar e muitas vezes se esquecem de incluir o bebê nesse cenário tão importante que é deixá-lo amamentar conforme o tempo que eles acham necessário para eles mesmos.

De modo geral, as vivências e opiniões são distintas e não cabe ninguém as julgar em relação ao tempo da amamentação já que a mesma é indicada até os dois anos de idade ou mais. Porém, essas mães precisam estar informadas de que a amamentação é uma fase importante da vida de um bebê e que se desmamados antes do tempo deles acarretará inúmeros problemas psicológicos a curto e a longo prazo. Wilhelm *et al.*, (2015) acredita que a duração da amamentação ou o desmame precoce estão fortemente ligados a influência cultural que são passados por gerações, são opiniões contrárias enraizadas entre elas, atrapalhando a vivência das mães durante o processo de amamentação e que mesmo elas crendo no poder do aleitamento, ainda assim, são induzidas a pensarem que depois do sexto mês o leite materno não possui mais benefícios. Rocha *et al.*, (2018) mostra que as taxas de curta duração do AM estão ligadas a uma gama de fatores intrínsecos e extrínsecos e que quando encorajadas e apoiadas essa prática perdura de forma benéfica para ambos.

Tabela 4. Dificuldades/problemas com a amamentação

Dificuldades com a amamentação	N	%
--------------------------------	---	---

Sim	15	65,2%
Não	8	34,8%
Total	23	100%

Fonte: Autores da Pesquisa.

Quando investigado sobre as dificuldades apresentadas pelas puérperas com o manejo da amamentação, observou que cerca de a maioria (65,2%) apresentaram problemas com a amamentação e 34,8% não apresentaram dificuldades com o manejo do aleitamento materno, em estudo, Barbosa *et al.*, (2017) observou que há um aumento significativo de mulheres que apresentam problemas para amamentar devido a questão de posicionamento da pega correta do bebê.

Ao indagá-las sobre o motivo que deixaram de amamentar, obteve-se os seguintes relatos:

[...] “Leite secou [...]” PART 01

[...] “Minha última filha não quis mais. [...]” PART 02

[...] “Ja tinha completado um ano [...]” PART 03

[...] “Da minha ultima bb ela largou sozinha com 3 meses [...]”

PART 04

[...] “N conseguiu [...]” PART 05

[...] “Baixa produção de leite, até mesmo na estimulação [...]”

PART 06

As entrevistadas referiram que deixaram de amamentar devido o bebê completar 1 ano, ou que os mesmos deixaram de mamar por conta própria, outras disseram que simplesmente não conseguiram e as demais relataram uma baixa produção de leite. Acreditam que existia uma forte influência acerca do conhecimento das mesmas. É necessário que essas mães sejam informadas sobre a amamentação.

Quando uma das entrevistadas relatou que a própria filha rejeitou o seio materno há milhares de situações corriqueiras por trás dessa negação. Segundo Fialho *et al.*, (2014) relata que políticas criadas com apoio a amamentação surtiriam efeitos positivos, já que as mesmas informam os mitos e verdades provenientes da lactação, ainda ressalta que a participação ativa do enfermeiro no puerpério facilitaria o entendimento dessas mães acerca da amamentação, e o enfermeiro aproveitaria esse momento para identificar os fatores que estariam levando essas mães a pensarem que não são capazes de amamentar, essa tarefa de informar sobre o AM é bem complexa pois requer uma participação ativa da enfermagem durante essa prática, pois relatos de que se não tivesse feito determinada ação talvez não afetaria a amamentação. Portanto, é

necessário compreender todo o cenário que levou essa mulher a deixar de amamentar, o que ocasionou a hipogalactia, se essa mãe foi informada sobre as situações da apojadura ou o porquê que essa mãe acredita que seu leite tenha secado.

Tabela 5. Conhecimento das entrevistadas sobre confusão de bicos

Conhecimento Confusão De Bicos	N	%
Sim	18	78,3%
Não	5	21,7%
Total	23	100%

Fonte: Autores da Pesquisa.

Quando analisado sobre o conhecimento de puérperas em relação à confusão de bicos observou que 78,3% sabiam das consequências que os bicos artificiais poderiam causar e 21,7% não tinham conhecimento sobre confusão de bicos e nem dos malefícios que eles poderiam causar na amamentação. Em estudo, Lamounier (2003) observou que a introdução de bicos artificiais cresce consideravelmente provocando confusão de bicos, de fluxo e de sucção, levando ao desmame precoce.

Ao perguntá-las sobre os sentimentos e expectativas do aleitamento materno, observou-se as seguintes respostas:

- [...] “muita dor . Incomodo. Estranho [...]” PART01*
- [...] “Sim. Foi melhor do que eu imaginava [...]” PART02*
- [...] “Dor [...]” PART04*
- [...] “Não tem explicação tanto que e maravilhoso amamentar seu filho [...]” PART11*
- [...] “Uma sensação maravilhosa [...]” PART16*
- [...] “Adorei. Mas senti um pouco de dor no início. [...]” PART18*
- [...] “Tive muitas dificuldades em amamentar [...]” PART19*
- [...] “Todas as minhas expectativas foram preenchidas na primeira amamentação [...]” PART20*
- [...] “Sim me senti completa experiência maravilhosas gratificante [...]” PART22*

As participantes relataram que sentiram muita dor, incômodo, dificuldades com manejo e isso corresponde a uma pega inadequada do bebê ao seio materno, falta de assistência no momento imprescindível para uma boa relação com a amamentação. As demais relataram que para elas a amamentação foi melhor do que elas imaginavam e que correspondiam a uma sensação maravilhosa, essas não apresentaram problemas ou dificuldades para amamentar, elas

fazem parte da minoria que passam pelo início da amamentação de uma forma muito natural. Mas, existem mais relatos de dificuldades com o AM do que ao contrário. Viana *et al.* (2014) relata que existe uma condição do que é imprescindível de banalizar somente o amor como o principal fator para que a amamentação flua, pois existem técnicas corretas para a realização da mesma e que o amor é maior sentimento que contribui muitas vezes para essa mãe prosseguir, porém é necessário que técnicas da pega correta sejam estabelecidas na primeira mamada do bebê, fazendo com que essa construção da amamentação prossiga sem maiores intercorrências mamárias.

Tabela 6. Quantas entrevistadas ainda amamentam.

Ainda Amamentam	N	%
Sim	12	52,2
Não	11	47,8%
Total	23	100%

Fonte: Autores da Pesquisa.

Quando questionado sobre a quantidade de entrevistadas que ainda amamentam observou que a maioria 52,2% segue em aleitamento materno, mas que em contrapartida mostrou um aumento significativo de participantes que deixaram de amamentar resultando em 47,8%. Em estudo, Silva *et al.* (2014). Observou que a maioria consegue amamentar, porém o número de mulheres que deixam de amamentar cresce consideravelmente.

Tabela 7. Se as Entrevistadas Introduziram Bicos Artificiais

Introdução de Bicos Artificiais	N	%
Sim	15	65,2%
Não	7	30,4%
Poucas Vezes	0	4,4%

Fonte: Autores da Pesquisa.

Quando investigadas sobre a introdução de bicos artificiais em seus filhos, observou que a maioria 65,2% ofereceram e que 30,4% não ofereceram. Em estudo, Cotrim, Venancio e Escuder. (2002), observou que a maioria das mulheres oferta a introdução de bicos artificiais e conseqüentemente afetando de forma direta o desmame precoce.

Ao perguntá-las sobre quem ofertou o auxílio da primeira mamada, obteve-se as seguintes respostas:

[...] “minha irmã [...]” PART 01

[...] “Não tive ajuda [...]” PART 03

[...] “Minha mãe [...]” PART 04

[...] “Enfermeira [...]” PART 05

[...] “Médico [...]” PART 07

[...] “Minha tia [...]” PART 08

[...] “Sim avo e tia [...]” PART 16

Observou-se mais uma vez que a participação familiar ou de amigos prevaleceram mais que a participação do profissional enfermeiro durante a primeira pega do bebê. As participantes relataram ajuda na primeira mamada vinda de terceiros, como: mãe, tia, avó, ou que até mesmo não receberam nenhuma ajuda.

O enfermeiro é um profissional extremamente qualificado para esse tipo de situação, mas que muitas vezes não estão presentes nesse momento com essas mães, fazendo que com que nessas horas elas se sintam desamparadas, fazendo que com opiniões sem embasamentos sejam estabelecidas na amamentação. Araújo *et al.* (2020) ressalta que para que o AM seja eficaz é necessário que se tenha um apoio dos profissionais da saúde, sendo eles os principais motivadores e estimuladores da amamentação, principalmente quando se trata da primeira mamada, pois são nesses momentos que as adversidades podem aparecer, é necessário que haja um estabelecimento correto da primeira pega para que assim as nutrizes consigam seguir com a amamentação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que a prática da amamentação é extremamente relevante para o binômio mãe e filho, que a intervenção da enfermagem previamente e principalmente durante esse processo é imprescindível. No decorrer dessa prática espera-se que o enfermeiro execute uma conversa bilateral, que corresponde muitas vezes ouvir as dificuldades e queixas dessas puérperas sendo capazes de compreender essas dificuldades bem como incentivá-las a prosseguir.

Sem dúvidas, a assistência de enfermagem é inteiramente válida nesse percurso em dispor conhecimento técnico científico acerca do aleitamento materno, incentivando e mostrando na prática como acontece a amamentação, sanando todas as dúvidas e as apoiando em qualquer circunstância.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABCE- Elaborando Trabalhos Científicos - **Normas para apresentação e elaboração**. Faculdades Unidas do Vale do Araguaia. Barra do Garças- MT. Editora ABEC, 2015.

ARAÚJO, Gabriela Bandeira et al. Contribuições do enfermeiro para a promoção do aleitamento materno. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 4841-4863, Goiânia-GO, 2020.

ANDRADE FIALHO, Flávia et al. Fatores associados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Revista cuidarte**, v. 5, n. 1, p. 670-678, 2014.

ALEIXO, Thuanne Cristina Souza E. et al. Conhecimento e análise do processo de orientação de puérperas acerca da amamentação. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 9, p. 59, Santa Maria-RS, 2019.

BARBOSA, Gessandro Elpídio Fernandes et al. Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 35, n. 3, p. 265-272, Motes Claros- MG, 2017.

BARBOSA, Lohana Argolo. **Contato mãe-filho e amamentação na primeira hora de vida: avanços, desafios e influência da enfermagem**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Enfermagem) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BATISTA, Kadydja Russell de Araújo; FARIAS, Maria do Carmo Andrade Duarte de; MELO, Wanderson dos Santos Nunes de. Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. **Saúde em debate**, v. 37, p. 130-138, Patos- PB, 2013.

BUENO, Lais Graci dos Santos; TERUYA, Keiko Miyasaki. Aconselhamento em amamentação e sua prática. **Jornal de Pediatria**, v. 80, p. s126-s130, Porto Alegre, 2004.

CHAVES, Roberto G.; LAMOUNIER, Joel A.; CÉSAR, Cibele C. Fatores associados com a duração do aleitamento materno. **Jornal de Pediatria**, v. 83, p. 241-246, Belo Horizonte-MG, 2007.

COTRIM, Lilian Cristina; VENANCIO, Sonia Ioyama; ESCUDER, Maria Mercedes Loureiro. Uso de chupeta e amamentação em crianças menores de quatro meses no estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 2, p. 245-252, São Paulo, 2002.

DAMIÃO, Jorginete de Jesus. Influência da escolaridade e do trabalho maternos no aleitamento materno exclusivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 11, p. 442-452, Rio de Janeiro- RJ, 2008.

ESCUDER, Maria Mercedes Loureiro; VENANCIO, Sonia Ioyama; PEREIRA, Julio César Rodrigues. Estimativa de impacto da amamentação sobre a mortalidade infantil. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, p. 319-325, São Paulo- SP, 2003.

FONSECA-MACHADO, Mariana de Oliveira et al. Aleitamento materno: conhecimento e prática. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, p. 809-815, São Paulo, 2012.

LAMOUNIER, Joel Alves. O efeito de bicos e chupetas no aleitamento materno. **Jornal de Pediatria**. 2003.

MARQUES, Emanuele Souza; COTTA, Rosângela Minardi Mitre; PRIORE, Silvia Eloiza. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & saúde coletiva**, v. 16, p. 2461-2468, Rio Grande do Sul- RS, 2011.

PRATES, Lisie Alende; SCHMALFUSS, Joice Moreira; LIPINSKI, Jussara Mendes. Amamentação: a influência familiar e o papel dos profissionais de saúde. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 2, p. 359-367, 2014.

ROCCI, Eliana; FERNANDES, Rosa Aurea Quintella. Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, p. 22-27, Guarulhos- SP, 2014.

ROCHA, Gabriele Pereira et al. Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. **Cadernos de saúde pública**, v. 34, p. e00045217, Viçosa- MG, 2018.

SILVA, Nichelle Monique da et al. Conhecimento de puérperas sobre amamentação exclusiva. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 67, n. 2, p. 290-295. 2014.

SOUZA, Sarah Nancy Deggau Hegeto de, et al. Prevalência de aleitamento materno e fatores associados no município de Londrina-PR. **Acta Paulista de Enfermagem**. v. 25, n. 1. Londrina- PR, 2012.

VIANA, Radmila Alencar et al. Aleitamento materno: desmistificando esse ato de amor como uma abordagem na promoção da saúde. **Revista da ABENO**, v. 14, n. 1, p. 38-46, Fortaleza, 2014.